



Por uma Educomunicação Emergente para a
Decolonialidade¹
For an Emerging Educommunication for Decoloniality

Rachel de Oliveira Carvalho

Palavras-chave: Educomunicação; Decolonialidade; Dialogicidade.

1 Introdução

De acordo com Pereira (2007, p.67) “A cotidianidade é a qualidade, a adjetivação dos procedimentos da vida cotidiana.” A vida ordinária e os procedimentos cotidianos, no entanto, não se apresentam de modo uniforme e linear.

É preciso [...] pensar a cotidianidade em relação ao imaginário social de cada povo: as riquezas estéticas traduzidas nos ritmos, nas imagens e na fala. Isto é o que faz com que a vida cotidiana não seja igual para grupos sociais, mesmo que estes ocupem o mesmo espaço urbano. (PEREIRA, 2007, p.67).

Na complexidade da vida ordinária, existe também uma relação de forças e tensionamentos. Os micro-saberes são formas de organizações táteis, visuais e sensoriais que demarcam os territórios socioculturais nos quais os poderes se exercem e

¹ Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais. PPGMC-Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

não determinam, necessariamente, uma ordem. Logo, são anteriores a uma microfísica do poder (Pereira, 2007).

Em Certeau (1998) vê-se que as estratégias, baseadas e definidas pelo poder, advêm de um tipo específico de saber que busca perpetuar um lugar de dominação. Assim podem produzir, mapear e impor enquanto que as táticas podem apenas utilizar, manipular e alterar. As táticas têm que jogar com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões. Deste modo, “tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas” (CERTEAU, 1998, p.101).

A colonialidade, como hoje é entendida, decorre de uma civilização euro-estadunidense, moderna e ilustrada, que vê o diferente como caótico, fluido, bárbaro, em que a visibilidade distorcida e/ou a invisibilidade de indivíduos é criada pelo outro imperial. Isso implica a manutenção da desigualdade, a imposição de poderes e a difusão da crença de uma civilização hipertextual absorpta pelo capitalismo financeiro. Segundo Villanueva (2018),

ese entendimiento se ocupó de instalar un patrón ordenador que, aparte de jerarquizar los saberes em sujeción a las premisas de la ciencia positiva (*colonialidad del saber*) y em correspondência com la estratificación eurocéntrica de los pueblos (*colonialidad del ser*), definió asimismo un prototipo civilizatorio (*colonialidad del poder*). (VILLANUEVA, 2018, p.75).

Segundo Couldry (2019), o colonialismo histórico se apropriou de terras, recursos e corpos e o novo colonialismo de hoje se apropria da vida humana, extraindo valor dos dados e anexando a vida ao capitalismo. Sendo assim, o colonialismo de dados rompe a ecologia da vida humana, não por um propósito maior, mas para impulsionar o lucro. O colonialismo de dados parece tão necessário que as pessoas tendem a aceitar a ordem social datada como algo dado e pré-estabelecido, para o qual não há solução possível.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Nos pequenos espaços de liberdade cotidianos, não obstante, ocorrem as inversões discretas ou mesmo as vitórias invisíveis. A chamada ‘vulgarização’ de uma cultura representa um aspecto parcial do que as táticas podem fazer mediante o poder dominador da produção (Certeau, 1998).

A cultura da mídia é uma forma de cultura comercial sendo, portanto, industrial. Os produtos de mídia são mercadorias que buscam atrair o lucro privado por empresas acumuladoras de capital (Kellner, 2001).

Deste modo, se subsumida pelo processo globalizante atual, a cultura da mídia intensifica a perpetuação do pensamento hegemônico. No entanto, para Kellner (2001), este é um processo dialético. Na cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento representam uma pedagogia cultural: “a cultura veiculada pela mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente da sociedade, mas também lhes oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma sociedade” (KELLNER, 2001, p.12).

Sendo assim, negar a cultura das mídias não indica um ponto positivo para uma mudança. Ela pode se constituir veículo importante para disseminar valores outros oriundos de grupos subalternizados e, até mesmo, potencializar o combate de preconceitos e atitudes antidemocráticas.

A cultura da mídia pode constituir um entrave para a democracia quando reproduz discursos reacionários, promovendo o racismo, o preconceito de sexo, idade, classe e outros, mas também pode propiciar o avanço dos interesses dos grupos oprimidos quando ataca coisas como as formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, as enfraquece com representações mais positivas de raça e sexo. (KELLNER, 2001, p.13).

Diante da cena atual, faz-se necessário a ruptura com a colonialidade do poder, do fazer e do ser, tanto no campo da comunicação quanto no campo da educação para que possam emergir novas redes de conexões entre os cidadãos. Em Certeau (1998, p.41), vê-se que “procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los”.

Nas palavras de Villanueva (2018, p.80), “La decolonización de la Comunicación supone um nuevo trayecto utopístico em lucha contra la segregación epistémica y cuyo propósito es restablecer la comunicación que humaniza”.

Neste sentido, a Pedagogia do Oprimido assinalada por Freire (1983), fornece um aporte fundamental e abre espaço para ampliação do debate, na tentativa de compreender a colonialidade do saber, do poder e do ser sob a ótica da libertação dos oprimidos, rumo à humanização, no ambiente escolar.

A educação bancária, como bem assinala Freire (1983) caracteriza-se por ser opressora, alienante, subjugadora de subjetividades, reprodutora da superioridade racial e transmissora de conteúdos colonializantes. A escola, ao invés disso, deve ser um *locus* privilegiado de integração de saberes, cultura e natureza contra a ação de colonizar. Para Freire (1983), o radical comprometido com a libertação

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar. (FREIRE, 1983, p.24).

Para Freire (1983), a libertação autêntica dos homens é a humanização em processo e não algo que se deposita nos homens. Não são palavras a mais, vazias e mitificantes. Implica, outrossim, na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para modificá-lo, ou seja na práxis problematizadora.

Neste sentido, a escola torna-se um espaço capaz de influenciar positivamente a sociedade como um todo, por meio da dialogicidade, da conscientização da opressão e da ação de libertar-se em comunhão.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

a obtenção de informações críticas sobre a mídia constitui uma fonte importante de aprendizado sobre o modo de conviver com esse ambiente cultural sedutor. Aprendendo como ler e criticar a mídia, resistindo à sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e a cultura dominantes. (KELLNER, 2001, p.10).

A dialogicidade (Freire, 1983), então, requer um pensar verdadeiro, um pensar crítico. Que percebe a realidade não como algo estático, mas em constante devir. Desse modo, sempre haverá lugar de invenção, das “artes de fazer” (Certeau, 1998), em que o fraco e dominado se utilizando de procedimentos de resistência buscará a superação dos efeitos da colonialidade experienciada e inculcada na mente dos subalternizados. Colonialidade essa caracterizada por “despolitizar, fragmentar, gerar dependencia e exclusión, ser patriarcal, utilitarista y reduccionista, mecanicista y lineal, y se propone además como pensamiento único y verdadero” (CASTRO-LARA, 2016, p.109).

Santos (2018) afirma que numa época em que a ideologia neoliberal proclama o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado como a forma natural de viver, as zonas libertadas provam o contrário, mesmo que localmente. A emergência consiste na natureza performativa e prefigurativa da rebelião, ou seja, implica em viver experimentalmente o hoje, como se este já fosse o futuro desejado. “En pocas palabras, militar para hacer emerger unas otras racionalidades y saberes, política, econômica y culturalmente viables, pero decoloniales” (CASTRO-LARA, 2016, p 119).

2 Metodologia

Para atingir os objetivos propostos, a pesquisa se utilizou de pesquisa descritiva, bem como de revisão bibliográfica e documental. Este estudo tem como fonte de dados documentos de cunho científico.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p.32).

3 Resultados

Os resultados decorrentes da análise do referencial teórico apontam que a pedagogia cultural proposta por Kellner (2001) e a dialogicidade apontada por Freire (1998), contribuem para reflexão e reorganização das práticas educacionais na medida em que indicam possibilidades de superação da tendência hegemônica.

Uma educação para a decolonialidade, antes de produzir aquilo que é esperado pela sociedade, revela a autonomia de escolha diante da opressão de culturas subalternas e contribui efetivamente para a construção de sujeitos que não só resistam, mas reajam contra a colonização do ser, do saber e do poder na sociedade vigente.

Mediante as inúmeras estratégias de colonialidade de corpos e mentes, urge que os processos organizados e de baixo para cima (Johnson, 2003) configurem táticas (Certeau, 1998) criativas, conciliadoras, articuladas e insurgentes para transformação da realidade reafirmando, assim, a potência dos direitos e deveres cívicos individuais e coletivos que dão forma à expressão da liberdade humana.

4 Discussão

Mediante observações teóricas tecidas neste percurso de investigação, há que se reconhecer que uma educação emergente para a decolonialidade é imprescindível nos dias atuais. Identificar e valorizar as diferentes culturas que não somente a hegemônica, representa um passo importante para consolidar uma sociedade democrática participativa.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Nas ciências da comunicação, há que se refletir que é possível uma epistemologia plural, em prol da valorização dos diversos saberes e pela intercomunicação das subjetividades.

Na educação, questões tanto identitárias quanto de classe, devem ter acolhimento na escola por todos os atores que nela convivem. Tendo em conta os inúmeros desmandos e atrocidades históricas vividas no cotidiano, continuar indiferente às dores dos subalternizados é uma decisão individual. Não permanecer colonizado, contudo, é uma escolha que se aprende a fazer em conjunto.

Nota-se que, na interface educação e comunicação, o docente apóia-se no respeito a cada forma singular do estudante de se inserir na sociedade, ajudando-os a desenvolverem habilidades cada vez mais complexas exigidas para os sujeitos emergentes do século XXI.

Uma práxis educomunicativa, desse modo, visa a qualificar as experiências oferecidas aos estudantes, reorganizar a forma disciplinadora e mecânica em que são pautadas as práticas pedagógicas, favorecer a construção de uma aprendizagem colaborativa que potencializa o conhecimento já existente, incentivar a observação e o questionamento das informações que circulam na sociedade. Compreendendo-se, assim, como produtores de conhecimentos e culturas e sujeitos capazes de intervir poderosamente no mundo em que vivem, não apenas serão consumidores acríticos e reprodutores de informações, mas partícipes fundamentais da mudança que já está em curso.

É importante que seja garantido aos estudantes seu espaço de fala ativo dentro da comunidade escolar, de modo que estes se tornem cidadãos envolvidos em processos comunicacionais, midiáticos e pedagógicos que contestem as consequências do colonialismo e que lutem pela transformação social.

Referências



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

CASTRO-LARA, Heloína. Reflexiones para decolonizar la cultura académica latinoamericana em comunicaión. In **Chasqui**: Revista latinoamericana de Comunicación, n. 131, abr-jul. 2016.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Universidade Estadual do Ceará. 2002.

JOHNSON, Steven. **Emergência**: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

COULDRY, Nick and MEJIAS, Ulisses. **The costs of connection**: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford Univ. Press, 2019. Part III. Reconnecting (Págs. 128-216)

PEREIRA, Wellington. **A comunicação e a cultura no cotidiano**. Revista Famecos, Porto Alegre, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2018.

VILLANUEVA, Eric R. Torrico. La comunicación decolonial, perspectiva in-surgente. In **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 15, n.28, 2018.